

DESPERSONALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE “A HORA 25” E O MÉTODO APAC COMO MEIO RESTAURADOR DA PESSOA

DESPERSONALIZATION: AN ANALYSIS OF THE NOVEL “THE 25TH HOUR” AND APAC METHOD AS RESTORATIVE MEANS OF THE PERSON

Gilmar Siqueira ¹, José Sebastião Fagundes Cunha ², Rogério Cangussu Dantas Cachichi ³,
Teófilo Marcelo de Arêa Leão Júnior ⁴

O propósito deste artigo é abordar o tema da despersonalização através de um comentário do romance A Hora 25, de Constantin Virgil Gheorghiu. Ver-se-á como ocorre a despersonalização e como a vida humana, quando reduzida a meras funções e utilidades, passa a perder por completo o seu valor: se a vida humana for apenas um elemento, ela já não será humana. Nesse sentido, como exposto no romance, a técnica pode ser um instrumento de utilização e exploração do ser humano. Numa sociedade que tende a incentivar a despersonalização, um dos muitos sintomas desse incentivo é a crise no sistema carcerário. Por essa razão o método APAC, com seu objetivo de restauração total do ser humano, é uma alternativa para o resgate da pessoa e a verdadeira recuperação humana. A pesquisa foi desenvolvida utilizando o método de abordagem hipotético-dedutivo, o procedimento comparativo, a técnica de documentação indireta, a pesquisa bibliográfica: em livros e periódicos jurídicos; documental; em legislação e em sites eletrônicos.

Palavras-Chave: Método APAC. Dignidade Humana. Pessoa. Técnica.

The purpose of this article is to address the theme of depersonalization through a commentary on the novel The 25th Hour, of Constantin Virgil Gheorghiu. It will be seen how depersonalization occurs and how human life, when reduced to mere functions and utilities, completely loses its value: if human life is only one element, it will no longer be human. In this sense, as it is exposed in the novel, technics can be an instrument for the use and exploitation of human beings. In a society that tends to encourage depersonalization, one of the many symptoms of this incentive is the crisis in the prison system. For this reason the APAC method, with its objective of total restoration of the human being, is an alternative for the rescue of the person and the true human recovery. The research was developed using the hypothetical-deductive approach method, the comparative procedure, the indirect documentation technique, the bibliographic research: in books and legal journals; documentary; legislation and on electronic websites.

Keywords: APAC method. Human Dignity. Person. Technics.

¹ Doutorando em direito pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Direito pelo Centro Universitário Eurípides de Marília.

² Pós-Doutor pela Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Sociais, orientado pelo Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Mestre e doutor em Direito. Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). Doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2001). Desembargador no TJ/PR, diretor da Escola Judicial da América Latina e vice-presidente de capacitação da Rede Latino-americana de Juízes.

³ Mestre em Direito pelo Centro Universitário Eurípides de Marília (2019) sob a orientação do Prof. Dr. Lafayette Pozzoli e coorientação do Prof. Dr. Ilton Garcia da Costa. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (2011). Magistrado Federal da Seção Judiciária do Paraná-- Justiça Federal - Brasil.

⁴ Pós-doutor em Direito pelo *Ius Gentium Conimbrigae* da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (2015). Doutor em Direito pela Instituição Toledo de Ensino - ITE, Bauru - SP (2012). Mestre em Direito das Relações Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP (2001). Graduado pela Faculdade de Direito de Marília, hoje Curso de Direito do Centro Universitário Eurípides de Marília, UNIVEM, mantida pela Fundação Eurípides Soares da Rocha (1995). Líder do Grupo de Pesquisa: Direitos Fundamentais Sociais, DIFUSO. Autor de obras e artigos científicos. Professor da Graduação (1999), Mestrado (2012) do UNIVEM e Advogado (1996).

INTRODUÇÃO

O objetivo do método APAC é preparar as pessoas que cumprem uma condenação penal para o reingresso no seio da sociedade uma vez findo o cumprimento da pena. Essa ressocialização do condenado – que, no método APAC, passa a ser um recuperando – é vista como consequência de uma abordagem e um tratamento mais profundamente humano, isto é, através da consciência que a pessoa adquire da responsabilidade de seus atos e a necessidade de assumir essa responsabilidade.

Para lograr esses objetivos, então, o método APAC precisa tratar de todas as dimensões do ser humano: física, social, profissional, vocacional e também espiritual. A verdade é que o método APAC não busca uma espécie de “redenção” nem mesmo adestramento do condenado através do trabalho: o que a APAC busca é a recuperação da pessoa como um todo, que só pode se dar quando todas as suas dimensões estão reordenadas.

No entanto, o tempo presente – dada a visão de mundo vigente na sociedade – parece querer reduzir a vida humana à mera utilidade ou aos mais baixos desejos dessa mesma natureza. Com isso o que acontece, na prática, é uma despersonalização. Para apresentar um exemplo mais claro do que é a despersonalização e como ela ocorre (ver-se-á no decorrer do artigo, com Julián Marías, que a despersonalização é livre e consentida), será analisado o romance “A Hora 25”, do escritor romeno Constantin Virgil Gheorghiu. Nele se verá também como a técnica pode ser um instrumento de despersonalização do ser humano.

No segundo tópico, por fim, se verá como a despersonalização – constante em nossa sociedade – se manifesta com notória força no sistema carcerário atual e como o método APAC – através de seus doze fundamentos e de sua pedagogia da presença – luta pela preservação da pessoa como um todo. Só ao preservar a pessoa é que se pode falar em ressocialização.

A pesquisa foi desenvolvida utilizando o método de abordagem hipotético-dedutivo, o procedimento comparativo, a técnica de documentação indireta, a pesquisa bibliográfica: em livros e periódicos jurídicos; documental; em legislação e em sites eletrônicos.

1 “A HORA 25” E A DERSPERSONALIZAÇÃO

O romance “A Hora 25”, do escritor romeno Constantin Virgil Gheorghiu (1916 - 1992), é dominado por um tom crepuscular: sem embargo, não é o mundo propriamente que se acaba – é a vida humana que aos poucos vai sendo exterminada pela despersonalização em favor de uma técnica que defende um progresso inumano. Os personagens do livro – o pope Alexandre Koruga, o escritor Traian Koruga, o camponês Iohann Moritz e a jornalista Eleonora West, entre outros – são exemplos concretos de como vidas humanas podem ser completamente esvaziadas enquanto as funções vitais continuam seu percurso normal.

Para falar desse romance, é imprescindível tratar de sua estrutura narrativa. Conquanto esse tema pareça ser mais atinente à crítica literária do que ao escopo do presente trabalho, seu tratamento se justifica na medida em que um dos personagens, o escritor Traian Koruga, é ao mesmo tempo e dentro do romance, autor de um livro chamado

também “A Hora 25”. Trata-se, claro está, do mesmo livro e em alguma medida se pode dizer que Traian Koruga é a versão romanesca do próprio Constantin Virgil Gheorghiu. Logo no princípio da estória, quando ele está a falar com seu pai e seu amigo Jorge Damião, Traian comenta que escreverá esse romance em que “*los acontecimientos dramáticos ocurrirán primeramente en la vida y después en mi novela*” (GHEORGHIU, 1984, p. 41). Com isso, tanto o autor real (Gheorghiu) quanto o autor personagem (Traian Koruga) querem dar a entender a narrativa que virá a seguir será um autêntico testemunho do caminho que a vida humana estava a trilhar naquele momento; um testemunho dado por personagens que viveram essa atroz realidade em suas próprias carnes.

A expressão “hora 25” significa a hora que está para além do relógio, ou seja, a hora final que está para além daquilo que compreende a vida humana: quando esta é esvaziada de seu conteúdo autêntico (biográfico) tudo o que resta são as meras funções vitais. A pessoa deixa de ser pessoa e passa a ser tratada como uma função ou engrenagem numa máquina. Quando a biografia – quando a estrutura da vida pessoal e individual – se perde, então não pode haver esperança nem qualquer tipo de conversão ou redenção.

A narrativa transcorre desde o período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial até o seu fim e termina com o anúncio da Terceira Guerra. Sem embargo, não se vê na estória que a Segunda Guerra foi um conflito contra o fascismo, o liberalismo, o nazismo o comunismo ou quaisquer outros “ismos” que poderiam estar tanto num lado quanto no outro dos campos de batalha. Todas as ideologias de progresso – tanto num lado quanto no outro dos beligerantes – não eram mais do que duas faces da mesma moeda: duas expressões de uma mesma revolução interna que, no Ocidente, buscava destronar a pessoa e fazer dela uma espécie de máquina. Por essa razão Traian Koruga (1984, p. 46) se refere aos escravos técnicos:

Aprendemos las leyes y la manera de hablar de nuestros esclavos para dirigirlos mejor. Y así, poco a poco, sin darnos siquiera cuenta, renunciamos a nuestras cualidades humanas, a nuestras leyes propias. Nos deshumanizamos, adoptamos el estilo de vida de nuestros esclavos técnicos y terminamos por imitarles. El primer síntoma de esa deshumanización es el desprecio al ser humano. El hombre moderno sabe que sus semejantes, y hasta él mismo, son elementos que pueden reemplazarse. La sociedad contemporánea, que cuenta con un hombre por cada dos o tres docenas de esclavos técnicos, se ha organizado y funciona según las leyes técnicas. Es una sociedad creada según las necesidades mecánicas y no humanas. Y ahí es donde comienza el drama.

Os chamados escravos técnicos são as máquinas. Elas foram criadas para atender a todas as necessidades humanas e facilitar a vida, torná-la melhor e até mesmo mais proveitosa.

Sem embargo, como ao mesmo tempo em que se deu esse desenvolvimento ocorreu também o olvido das características humanas mais profundas, passou-se a medir a vida da pessoa também por critérios de avanços técnicos: estatísticas, rendimento, números e mais números

A vida pessoal, biográfica, deixou de contar. Por isso Adrian Koruga (1984, p. 47) prossegue explicando que:

Todos los acontecimientos que se desarrollan en estos instantes sobre la superficie de la tierra, y todos los que tengan lugar en años venideros, no son más que los síntomas y las fases de una misma revolución, la de los «esclavos técnicos». Al final, los hombres no podrán vivir en sociedad guardando sus caracteres humanos. Serán considerados con un criterio de igualdad, de uniformidad, y tratados según las mismas leyes aplicables también a los esclavos técnicos, sin concesión posible a su naturaleza humana. Habrá arrestos automáticos, condenas automáticas y ejecuciones automáticas. El individuo no tendrá ya derecho a la existencia; será tratado como un émbolo o una pieza de máquina, y si desea llevar una existencia individual se convertirá en la irrisión de todo el mundo.

Com isso Traian Koruga não quer dizer que as máquinas ganhariam uma vida semelhante à humana para então levantarem-se contra seus criadores. O problema é um pouco mais complicado: esses mesmos criadores das máquinas – os seres humanos – é que aos poucos passariam a reduzir suas vidas aos critérios puramente mecânicos e de utilidade enxergando neles o único caminho de progresso possível para a sociedade. Entenderiam, assim, que a humanidade precisaria de uma evolução que a tornasse mais própria das máquinas sem perceberem que, para isso, perderia suas características humanas. Como se verá através do exemplo do personagem Iohann Moritz, a despersonalização não acontecia apenas sobre vítimas mais ou menos conscientes dela: para que beligerantes de um e outro lado do conflito pudessem despersonalizar seus adversários, eles precisaram ter sido despersonalizados antes – por vontade própria, muitas vezes.

Desde el momento que el hombre ha sido reducido a la sola dimensión de valor técnico social, puede sucederte cualquier cosa. Pueden detenerle y enviarte a hacer trabajos para un plan quinquenal, para la mejora de la raza u otros fines necesarios a la sociedad técnica, sin ningún miramiento para su persona. La sociedad técnica trabaja exclusivamente según leyes técnicas, manejando solamente abstracciones de planos y teniendo una sola moral: la producción (GHEORGHIU, 1984, p. 49).

Todas as palavras citadas até aqui saíram diretamente do personagem Traian Koruga. Pouco antes de a guerra começar, ele foi capaz de perceber o que aconteceria e como os dois lados do conflito na verdade eram um mesmo lado, com um objetivo oculto sob todas as promessas políticas: a despersonalização da vida humana. Se a pessoa não vale enquanto tal – não tem uma igualdade ontológica – então seu valor pode ser medido de fora, por critérios variáveis e sempre desumanos. Outro personagem – Iohann

Moritz – sofreu na própria pele a situação descrita por Traian Koruga. Aqui vale citar sua última fala no livro:

En 1938 yo me hallaba en un campo de judíos en Rumanía. En 1940, en un campo de rumanos, en Hungría. En 1941, en Alemania, en un campo de húngaros. En 1945, en un campo americano. Hace poco me liberaron de Dachau. Trece años de campo en campo. Estuve libre dieciocho horas y luego me trajeron aquí (GHEORGHIU, 1984, p. 401).

Iohann Moritz era inocente. Foi preso primeiro, na Romênia, porque um gendarme que queria ficar com sua esposa o inscreveu entre os "judeus e suspeitos". Então os judeus eram obrigados a trabalhos forçados. Moritz não era judeu, mas como assim estava escrito nos papéis da burocracia, ficou no campo até conseguir fugir para a Hungria. Lá, onde os judeus não eram perseguidos, ele foi preso e torturado sob a acusação de ser um espião romeno. Quando Hungria e Alemanha concertaram um acordo para que a primeira não fosse ocupada, os húngaros enviaram alguns de seus trabalhadores (numa verdadeira venda de escravos) à Alemanha. Entre eles estava Moritz, que não era húngaro mas teve sua identidade falsificada (como muitos outros prisioneiros). Enquanto trabalhava para os alemães, um coronel o notou e disse que ele pertencia a uma chamada "raça heroica" germânica e que devia ser alistado no exército alemão. Passou então de trabalhador a sentinela do campo de concentração e tratava com gentileza a todos os prisioneiros. Encontrou, no meio deles, um amigo francês e ajudou-o a escapar. Fugiu com ele também, sob a promessa de que logo após a guerra poderia viver em paz. Mas os aliados tornaram a prendê-lo porque era romeno, ou seja, um inimigo.

Feito desse modo o resumo da trajetória de Iohann Moritz não se pode ter sequer a mínima ideia do que lhe aconteceu de verdade. Claro que as mudanças e os acontecimentos externos foram importantes, mas um resumo como esse exclui um aspecto capital da realidade humana: a vida interior. Precisamente por essa razão que se fez um resumo assim no presente artigo: o parágrafo anterior não é nada diferente do que leriam os soldados burocratas que recebiam Moritz em seus campos. Ele era só mais número que passou de lá para cá e não uma pessoa com vida interior. A ideia de que ele, individualmente, pudesse ou não ser inocente, nem passava pela cabeça daqueles que o custodiaram em um ou outro lado do conflito.

El Occidente mira al hombre con los ojos de la técnica. El hombre de carne y hueso, capaz de alegría y sufrimiento, no existe, ésa es la causa de que nuestra detención, nuestro encarcelamiento y acaso mañana nuestra ejecución, no pueda ser considerada como criminal. Sería criminal si tuviera alguna relación con hombres de carne y hueso. Pero la sociedad occidental es incapaz de comprender la presencia del hombre vivo. Cuando detiene o mata a alguien, esa sociedad no detiene o mata nada vivo sino tan sólo una noción. En buena lógica, el crimen no puede imputársele, pues nadie puede acusar de crimen a máquina alguna. Y nadie sabrá pedir de una máquina que tratara a sus hombres según características individuales (GHEORGHIU, 1984, p. 251)

Também essas são palavras de Traian Koruga. Suas análises ao longo de todo o romance são um diagnóstico do rumo tomado pela sociedade – ele viu e viveu na própria carne aquilo que pôde antecipar. Quando, já depois da guerra, questionou um oficial americano sobre a prisão dele e da esposa – também inocentes, como Moritz – a resposta que recebeu foi a seguinte:

¿Quiere usted decir que nuestras leyes no están de acuerdo con los principios eternos del Derecho? Tampoco es la primera vez que oigo esa alegación. Todos ustedes la hacen. Pero invocar la falta de valor eterno o de universalidad de las leyes que han servido para detenerles, es perfectamente ridículo. En primer lugar, cada país tiene derecho a poseer las leyes que quiera. En segundo lugar, no hay principios eternos del Derecho. La Justicia ha sido creada por los hombres. Y nada humano puede ser eterno. Todas las leyes son efímeras y eternas al mismo tiempo. Y quienes sostienen lo contrario no hacen más que engañarse a sí mismos (GHEORGHIU, 1984, p. 305).

Desde o fim da barbárie promovida no século passado até os dias de hoje tem-se buscado um limite e ao mesmo tempo um fundamento universal a partir do qual semelhantes atrocidades não se repitam. Por isso a ênfase na dignidade da pessoa humana. No entanto, se essa dignidade mesma não for ontológica à pessoa, se ela não abranger mais do que prazeres, desejos e continuar a ser medida por números (utilidade, felicidade da maioria, etc.), então o discurso do oficial americano citado acima ainda terá validade: a Justiça será apenas uma criação humana e as leis que tendem a ela podem variar de um ano para outro, conforme a moda ou qualquer desejo de um determinado grupo de pessoas dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, é preciso ainda mencionar dois outros personagens do romance: Iorgu Iordan e Marcu Goldenberg. O primeiro era o pai de Suzanna, a esposa de Iohann Moritz. Ao descobrir que a filha estava grávida sem sequer saber se ela tinha noivo ou não, decidiu matá-la; quando não encontrou a moça, espancou a mãe dela até a morte. Depois de preso, Iorgu Iordan começou a chorar e tentou até mesmo o suicídio porque, sem ele, ninguém poderia cuidar de seus cavalos. A esposa morta não lhe provocava remorso algum, mas deixar os cavalos sozinhos sim. Ao começar a guerra, Iorgu Iordan foi libertado da prisão para juntar-se à SS. O outro personagem, Marcu Goldenberg, era judeu e foi transportado ao campo de trabalhos forçados ao lado de Iohann Moritz. Deram-lhe um trabalho burocrático por sua saúde débil. Ele, no entanto, recusou-se a trabalhar (o que acarretaria em punições para os demais presos). Lengyel, que era o mais velho no campo, tentou convencê-lo de que faziam tudo aquilo por suas famílias, de que era preciso transigir de algum modo: se ele não quisesse manter o seu trabalho, que limpasse as privadas. Esse pedido foi apenas uma estratégia para assustar Marcu; mas o jovem, cheio de raiva, aceitou o trabalho. Lengyel, sentindo-se culpado por isso, foi atrás dele pedir que retomasse seu trabalho burocrático:

El anciano se dispuso a decirle que a partir del día siguiente podría trabajar de nuevo como

escribiente en la oficina. Pero Marcu, sin poder aguantar más, levantó los brazos, cerró los ojos y descargó el golpe. El filo de la pala se hundió en el cráneo de Lengyel. El viejo se desplomó. Con las manos crispadas en el mango de la pala, Marcu siguió descargando golpes una y otra vez. Cuando abrió los ojos vio al viejo Lengyel desangrándose a sus pies, con el cráneo hendido. No había querido matarle. Pero una vez cometido el homicidio, no se arrepentía de nada (GHEORGHIU, 1984, p. 94).

Quando as tropas soviéticas entraram na Romênia, Marcu juntou-se a elas. Foi ele quem deu o “tiro de misericórdia” em prisioneiros cujas execuções sentenciou no “tribunal do povo”. Marcu Goldenberg e Iorgu Iordan estavam cheios de raiva. As palavras que Lengyel dirigiu ao primeiro ainda na discussão sobre o trabalho ilustram perfeitamente esse sentimento: “Eres un fanático. Y todo fanático me parece un animal rabioso, al que no debo aproximarme” (GHEORGHIU, 1984, p. 91). Iohann Moritz também tentou dissuadi-lo, mas recebeu uma resposta brusca e se deu conta de que “la mirada de Marcu Goldenberg se parecía mucho a la de Iorgu Iordan” (GHEORGHIU, 1984, p. 93). Iorgu Iordan e Marcu Goldenberg, que estavam em posições política e militarmente opostas no conflito, eram na verdade muito parecidos.

Também eles – pessoas – tornaram-se agentes de despersonalização para os demais. Deixaram voluntariamente de lado – pode ser que sua raiva tenha algo que ver com isso – aspectos mais profundos da vida humana para servir a causas que esvaziavam, despersonalizavam, essa mesma vida. Iohann Moritz, sem embargo, ainda os via como pessoas. A eles e a todos os que estiveram com ele nos campos de concentração: prisioneiros, guardas e oficiais. Iohann Moritz é como que o símbolo da resistência da pessoa contra a despersonalização. Num dado momento do romance, enquanto ele, Traian Koruga e outros eram transportados de um campo a outro pelos aliados, o trem parou numa estação: Moritz então viu alguns franceses ali e lembrou-se do amigo francês que ele ajudou a escapar; teve vontade de dizer àquele francês algumas palavras gentis. Como não sabia a língua, disse em alemão. Todas as pessoas que estavam foram do trem – antigos prisioneiros – ficaram com raiva e começaram a atirar-lhe pedras. Os demais presos, do lado de dentro, também ficaram com raiva por causa das pedras e pisotearam-no:

Todo el mundo quería aplastarle. Todos deseaban la muerte de Iohann Moritz. En aquel instante comprendió la terrible verdad, y presintió que el mundo dejaría de existir y que no habría más progreso en el mundo en tanto él siguiera viviendo. (GHEORGHIU, 1984, p. 287).

Essa resistência de Iohann Moritz consistia basicamente em duas coisas: no seu desejo de ter um pedaço de terra para trabalhar e viver com a família e na necessidade que tinha de saber a razão pela qual o prenderam – ou seja, seu desejo de uma justiça pessoal, humana, concreta. Iohann Moritz é como que o símbolo da resistência da pessoa no romance pela simples razão de que ele queria continuar vivendo, queria realizar a sua vida e cuidar das pessoas que amava. Mesmo sem saber, Moritz se

recusava a ser considerado um ente abstrato, um mero número dentro de uma cadeia burocrática.

2 O MÉTODO APAC E A PRESERVAÇÃO – PARA RECUPERAÇÃO – DA PESSOA NO SISTEMA PRISIONAL

Como se viu no comentário sobre o romance “A Hora 25” escrito no tópico anterior, os personagens ali retratados foram exemplos concretos do que aconteceu a muitos outros: graças a uma concepção diminuída da vida humana – e, conseqüentemente, da pessoa – várias vidas concretas foram reduzidas a tal ponto que ocorreu uma despersonalização nelas; por isso a referência à “hora 25”, a hora depois de todas as horas, dentro da qual o ser humano não é mais que um conjunto de funções que pode ser descartado em nome de algo maior. Julián Marías (1997, p. 18) adverte para a possibilidade de despersonalização: “*el hombre está expuesto a la despersonalización, de hecho gran parte de la vida está por debajo del nivel propio de la persona, consiste en caídas u omisiones de esa condición*”. O filósofo explica que todas as pessoas estão sujeitas ao risco de despersonalização; sem embargo, lembra ainda que esse processo é “*libre y consentido*” (MARIAS, 1997, p. 89). Com isso quer dizer que, por mais ameaçadoras que sejam as condições externas, a própria estrutura da vida humana e a força da pessoa fazem com que ainda sobre um reduto da pessoa que só pode ser diminuído por sua aquiescência. A complexidade da vida humana e a necessidade de se conhecê-la dentro de uma perspectiva biográfica impedem qualquer afirmação geral e categórica sobre o livre consentimento da despersonalização.

Para que isso fique mais claro, é preciso voltar ao romance “A Hora 25” e tomar outra vez os personagens Iohann Moritz e Traian Koruga – de um lado – e Iorgu Iordan e Marcu Goldenberg – de outro. Os primeiros, dentro da prisão, foram submetidos a um intenso processo de despersonalização e deram-se conta disso. Pelo fim da estória – com Traian Koruga morto e Moritz outra vez num campo de prisioneiros – parece que eles foram vencidos. Mas não. A mera consciência de suas vidas, de suas perspectivas biográficas e o horror diante da diminuição humana a que foram submetidos preservaram suas personalidades – suas pessoas – até o fim. Iorgu Iordan e Marcu Goldenberg, por outro lado, se entregaram conscientemente ao processo de despersonalização exigido pelas ideologias a que serviram:

Otra grave forma de despersonalización es el error a que se adhiere definitivamente, sin admitir razones, como entrega de la persona a algo que no es ella: una forma radical de enajenación, distinta de la psíquica en el sentido habitual del término. Y hay la posibilidad extrema: la entrega a la maldad, posibilidad estrictamente humana, que no tiene el animal, y que se podría entender como una «posesión consentida» – la única que permite la forzosa libertad del hombre (MARIAS, 1997, p. 19).

No romance se pode ver como pessoas submeteram outras à despersonalização porque antes também se entregaram a ela. E o fizeram pela razão de que a visão de mundo descrita pelo autor exigia a diminuição da vida humana a critérios numéricos, funcionais e técnicos. A

sociedade atual não se diferencia muito da descrita por Constantin Virgil Gheorghiu. Dentre os sintomas de uma visão de mundo bem próxima à descrita pelo autor romeno, pode-se colocar o problema carcerário: impossibilidade de arrependimento por parte dos presos, superlotação, abusos de direitos humanos, entre outros. O sistema carcerário atual – que além de um problema em si é o resultado de uma visão de mundo – incentiva a despersonalização. Por isso Ferreira (2016, p. 189) relata que:

A exemplo do que ocorria durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração nazista, o preso não mais será chamado pelo nome, perdendo assim sua identidade. A pessoa somente importa na medida em que tem um número de prisioneiro. Porém a vida do número é irrelevante, e o que está por detrás desse número, o que representa essa vida, é menos importante ainda: seu passado, seu destino, sua história. Números não sonham, não têm sentimentos, não têm projetos de vida.

Essa citação de Valdeci Antônio Ferreira, conquanto concisa, revela uma série de elementos importantes sobre o sistema prisional atual e sobre a preocupação do método APAC: no sistema prisional a vida humana como um todo – biográfica e projetiva – é deixada de lado em favor do número. Sem embargo, esse “número” já causou problemas fora da cadeia e poderá voltar a causá-los quando sair dela. Então surge o problema – exatamente como na narrativa de Gheorghiu – de como resolver a situação desse “número” para que um certo tipo de progresso social continue. Mas a citação de Ferreira também revela uma outra visão de mundo existente na APAC: “Números não sonham, não têm sentimentos, não têm projetos de vida” (FERREIRA, 2016, p. 189). A APAC não está preocupada com números, mas com pessoas.

A sigla “APAC” significa Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. Trata-se de um sistema humanizado de cumprimento de pena que se caracteriza por um método, aplicado há mais de 40 anos no Brasil, baseado em doze fundamentos: 1. A participação da Comunidade; 2. O recuperando ajudando o recuperando; 3. O trabalho; 4. Assistência Jurídica; 5. Assistência à saúde; 6. O voluntário e o curso para sua formação; 7. Valorização Humana; 8. Espiritualidade; 9. Jornada de Libertação com Cristo; 10. Mérito; 11. Centro de Reintegração Social – CRS; 12. A família.

Apresentados sem luxo de pormenor, a participação da Comunidade caracteriza uma abertura cidadã da execução penal prometida desde os idos da década de 80, quando a exposição de motivos da Lei de Execução Penal ainda vigente hoje (Lei Federal nº 7.210, de 11 de julho de 1984) já reconhecia: “Nenhum programa destinado a enfrentar os problemas referentes ao delito, ao delinquente e à pena se completaria sem o indispensável e contínuo apoio comunitário” (Exposição de Motivos, item 24). O recuperando ajudando o recuperando almeja desenvolver no interior de cada um o sentimento de fraternidade na vivência comunitária (DARKE, 2014, p.370), rechaçando a filosofia individualista e egoísta presente no sistema penitenciário tradicional e, de certa maneira, prevalente na sociedade hodierna. O elemento do trabalho não está ligado apenas à profissionalização para garantir sustento material, mas a

finalidades humanizadas, das quais se falará detidamente abaixo. As assistências – notadamente jurídica e à saúde, mas não apenas elas – são prestadas por voluntários, responsáveis pela efetivação da participação da comunidade em quase todas as atividades da APAC. A valorização humana e a espiritualidade, incluindo a Jornada de Libertação com Cristo, constituem elementos de profunda transformação integral da pessoa humana, restabelecendo todas as dimensões que lhe são próprias: física, psicológica, espiritual. O mérito é fato estimulante de boas práticas e da harmônica convivência, convivência essa que se desenvolvem na maior parte em local adequado e humanizado do Centro de Reintegração Social – CRS, formando ambiente em que as famílias são dignamente recebidas, amparadas e instruídas, fazendo parte do grande sistema de relações proporcionado pelo método APAC.

O método APAC é levado a efeito em pequenas unidades prisionais, geridas por voluntários e alguns funcionários, sem concurso da polícia, sob a supervisão do juízo responsável pela Corregedoria dos Presídios e da execução penal e outros órgãos públicos (Ministério Público, Departamento Penitenciário), pela FBAC, pela comunidade. A FBAC é órgão que orienta e fiscaliza todas as APACs, que no Brasil passaram de 50 unidades em funcionamento, a maioria delas no Estado de Minas Gerais. O método APAC, assim, engloba e transcende a ideia de ressocialização: coloca-a como objetivo principal, mas também a transcende por considerar em seus princípios que a ressocialização é na verdade uma consequência da restauração total do ser humano, e não mero adestramento profissional. Por isso, no método APAC, a pessoa é que é importante e para ela foi elaborada a chamada pedagogia da presença.

A pedagogia da presença tem no recuperando o seu centro e objetivo, de modo que ela só surtirá efeito caso produza no recuperando uma mudança interior, isto é, caso possa despertar sua consciência. A chamada pedagogia do medo, ao contrário, estimula apenas uma série de comportamentos externos destinados ao cumprimento de algumas regras e que não tocam na vida interior da pessoa.

Vale abrir um parêntese para explicar um pouco desse “tratamento individualizado”, que tem chances de se desenvolver somente em unidades menores na qual a pedagogia da presença (e não do medo) possa ser aplicada. Nos grandes presídios o estímulo de comportamentos adequados dá-se pelo medo, isto é, pela punição em caso de violação dos regulamentos e normas do presídio. Diferentemente dessa “pedagogia do medo” largamente utilizada no sistema tradicional, outra forma de estimular bons comportamentos é a “pedagogia da presença”. Sobre o assunto, Ferreira (2017) bem explica que a pedagogia da presença pressupõe, em primeiro lugar, um tratamento individualizado de cada recuperando, que é chamado sempre pelo nome, nunca por um apelido ou número. O elemento central está no conhecimento por parte do responsável direto pela execução penal, aquele que de fato tem contato com o recuperando, da história de vida e dos problemas individuais, familiares e sociais de cada um deles (...). (POZZOLI; SCARMANHÃ; CACHICHI, 2019, p.172).

O preso, quando vem do sistema tradicional, sente-se um lixo: a autoestima desaparece por completo (PEREIRA, 2006, p. 190). Além de fisicamente debilitado, psicologicamente está destruído e espiritualmente quase morto. A vida do crime é materialista, “a qualquer gesto delicado, fidalgo, o condenado tem como resposta a desconfiança, a reserva, porque imagina sempre que, por trás de tudo, há interesses escusos” (OTTOBONI, 2012, p. 58). Com efeito, a recuperação de valores sempre foi objetivo transformador objetivado pela APAC (OTTOBONI; FERREIRA, 2016, p. 72). A vida do crime – dentro e fora do presídio – parece invadir o núcleo mais íntimo da pessoa para destruí-lo: o criminoso é sempre um miserável, esteja ele livre ou não. Os fundadores do método APAC perceberam isso e, graças a essa percepção, viram que a autêntica ressocialização só poderia acontecer num contexto de resgate da pessoa em sua totalidade. Por isso a APAC busca:

(...) implantar no interior do indivíduo um estímulo próprio e autônomo, para que ele mesmo busque as ações e comportamentos esperados dele (FERREIRA, 2017, p. 240); assim, o recuperando, incorporando valores que internamente o motivam a agir corretamente, tende a manter-se com o mesmo padrão comportamental esperado quando, agora transformado intimamente, ganha a liberdade. (POZZOLI; SCARMANHÃ; CACHICHI, 2019, p. 173).

Mas tal estímulo não nascerá se a pessoa não compreender que uma vida virtuosa é boa por si mesmo, que uma vida virtuosa não é mais do que um sinônimo de vida feliz. E a felicidade, como elemento autêntico da vida humana, tem um elemento muito importante de projeção, isto é, de expectativa para o futuro. A APAC, em sua preocupação com a pessoa e com a ressocialização das pessoas condenadas, tem feito também um trabalho de resgate da perspectiva mais profunda da vida humana através da pedagogia da presença. Assim, exatamente na direção do escopo constitucional (CF, art.5º, XLVI) e legal (LEP, art. 5º) da individualização da pena, a pedagogia da presença pressupõe tratamento individualizado de cada recuperando (FERREIRA, 2017, p. 236). Toma-se como ponto nuclear circunstâncias que tornam cada recuperando único: “Seus nomes, sua genealogia, suas histórias, sonhos, projetos, suas expectativas, alegrias, angústias, preocupações, derrotas, decepções, seus medos...” (FERREIRA, 2017, p. 236). A APAC, através da pedagogia da presença e do tratamento pessoal dos presos, estimula ainda a imaginação, tão necessária à projeção da vida humana pois:

Las posibilidades se han aumentado enormemente; se ve cada vez con mayor claridad que el hombre es plástico, que no es una cosa, que no está hecho. La filosofía actual está acabando con el lastre de materialismo que la ha dominado – también y desde luego a los “espiritualismos” y por eso empieza a hacerse posible una comprensión filosófica del cristianismo. El hombre es persona – se ha repetido desde hace siglos –; pero acaso sólo hoy se empieza a ver en serio qué es persona. Y la vida actual, tan fuertemente constreñida por el Estado, y por otros poderes, está por dentro en franquía. Pero

para vivir hoy humanamente – y esto quiere decir auténtica y originariamente –, hace falta mucha imaginación; y está apareciendo, venenoso y torvo, el resentimiento de los que no la tienen. (MARÍAS, 1955, p. 84 - 85).

É preciso voltar ao que Julián Marías disse sobre o consentimento à despersonalização: a pessoa, em alguma medida, permite a sua diminuição enquanto tal. E caberia perguntar, embora esse não seja o tema do presente artigo, por que a pessoa se deixa diminuir. Julián Marías mencionou também que há diferentes tipos de despersonalização. Uma das razões para que a própria pessoa se entregue pode ser o estímulo exterior: o desconhecimento da validade e dignidade da vida humana enquanto tal, sua servidão a coisas que lhe são muito menores. O que o método APAC pretende, nesse sentido, é mostrar àqueles que cumprem pena a profundidade da vida humana e como a luta pela preservação da pessoa, em todas as suas dimensões, dá um sentido a essa vida.

CONCLUSÃO

A despersonalização, por mais absurda que seja, tem – como assinalou Julián Marías – um caráter consentido e voluntário. A vida humana tem grandes elementos de imprevisão – nunca está totalmente dada – e por isso a resistência à despersonalização dentro da própria perspectiva biográfica é possível. Traian Koruga e Iohann Moritz, esgotados e aparentemente derrotados, puderam resistir. Na cena final do romance de Gheorghiu, quando Moritz entra com sua família para ser recrutado pelos aliados antes da Terceira Guerra, Eleonora West (viúva de Traian Koruga) – que não o conhecia – olha aquele homem com o sofrimento estampado no rosto e nota algo autêntico, pessoal, nele.

Essa despersonalização, no entanto, só pode ser promovida (como ideologia, plano político ou qualquer outro meio) por quem antes consentiu nela. Ela pode formar – como no romance de Gheorghiu – a visão predominante numa sociedade. Não é exagerado dizer que faça parte da sociedade presente e, por essa razão, se viu que um de seus sintomas é a crise no sistema carcerário atual, onde o preso é ignorado e abandonado: recebe um incentivo a despersonalização. Por isso o método APAC é uma alternativa: sua alternativa à despersonalização consiste na pessoalidade.

Ao buscar a recuperação humana – e não meramente de papéis sociais ou profissionais – o método APAC pretende devolver o sentido de responsabilidade, sacrifício e liberdade interior para seus recuperandos. Noutras palavras, pretende dar-lhes consciência de sua própria humanidade. Essa consciência só pode ser despertada na pessoa quando ela percebe que a vida humana vai muito além do aspecto material, que existem coisas que trazem recompensas que são bem maiores do que as econômicas e prazeres ainda mais significativos que os físicos. Por essa razão são tão importantes os doze fundamentos do método – todos permeados pela espiritualidade – e a ênfase no trato pessoal: o método APAC não quer recuperar números, mas pessoais reais e concretas.

REFERÊNCIAS

DARKE, Sacha. Comunidade prisionais autoadministradas: o fenômeno APAC. Tradução Maria Lúcia Karam. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 22, n. 107, p. 357 - 376, mar./abr. 2014.

FERREIRA, Valdeci Antônio. **Juntando cacos, resgatando vidas: valorização humana – base do método APAC e a viagem ao mundo interior do prisioneiro – psicologia do preso**. 2. ed. Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2017.

GHEORGHIU, Constantin Virgil. **La Hora 25**. Tradução de Jesús Ruiz y Ruiz. Barcelona: Ediciones Orbis, 1984.

MARÍAS, Julián. **La Imagen de la Vida Humana**. Buenos Aires: Emecé, 1955.

MARÍAS, Julián. **Persona**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

OTTOBONI, Mário. **Testemunhos de minha vida e a vida de meus testemunhos**. São José dos Campos: o autor, 2012.

OTTOBONI, Mário; FERREIRA, Valdeci Antônio. **Método APAC: sistematização de processos**. Colaboração de Maria Solange Rosalem Senese et al. Belo Horizonte, TJMG, 2016.

PEREIRA, Marcos Francisco. É possível a recuperação do preso?. **Revista Jur.UNIJUS**, Uberaba/MG, v. 9, n. 11, p. 189 - 202, nov.2006.

POZZOLI, Lafayette; CACHICHI, Rogério Cangussu Dantas; SCARMANHÃ, Bruna de Oliveira da Silva Guesso. Desafios e perspectivas do sistema penitenciário: a compreensão da descentralização dos presídios como proposta de Mário Ottoboni à luz da filosofia ético-política de Jacques Maritain. //: GUNTHER, Luiz Eduardo; FISCHER, Octavio Campos (coords.); LEAHY, Érika; CACHICHI, Rogério Cangussu Dantas (orgs.). **Constitucionalismo e direitos fundamentais**. Curitiba: Instituto Memória, 2019. p. 161 - 178.